

BUARQUE, Cristovam. **O que é educacionismo?** São Paulo, SP: Brasiliense, 2008. 159 p. (Coleção Primeiros Passos).

## Sobre o Autor

**Cristovam Buarque** é pernambucano de Recife. Em 1966, pela Universidade Federal de Pernambuco, formou-se engenheiro mecânico. Da Universidade de Paris I – Sorbonne, obteve o doutoramento em Economia. De 1973 até 1979, trabalhou no BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), servindo como economista em Washington, D.C. Ingressou depois como docente na Universidade de Brasília e no período de 1985 à 1989, foi reitor desta instituição. Na oposição da política partidária, serviu como coordenador da área educacional do governo paralelo e depois, atuou Ministro da Educação do primeiro governo do PT (Partido dos Trabalhadores). Estava tão preocupado com o problema do analfabetismo brasileiro que na sua gestão foi criada a Secretaria da Erradicação do Analfabetismo. Foi governador do Distrito Federal, candidato a Presidente da República, e hoje, é Senador Federal. Entre os seus vinte e poucos livros publicados estão: **“A desordem do progresso”**, **“O colapso da modernidade brasileira e uma proposta alternativa”**, **“A revolução na esquerda e a invenção do Brasil”** e **“A segunda abolição”**.

## A Obra

Os livros do autor como **“O que é apartação?”**, da Coleção Primeiros Passos, a obra que está sendo resenhada, voltam todos à problemática das desigualdades sociais, problemas ambientais, estruturas econômicas desumanizantes e práticas políticas que não valorizam a ética. Para Cristovam Buarque, é problemático, também, os empacotamentos culturais que somente dão valor aos bens materiais e simbólicos porque as aparências são inegavelmente priorizadas. Nestas obras, o autor define como sua tarefa básica, a explicação didaticamente enfática da situação crítica em que o mundo se encontra. É uma situação cada vez mais próxima ao princípio de uma catástrofe irreversível. Nesta mesma linha de agir como mensageiro do bom senso social, Buarque utiliza o contexto específico da realidade brasileira para desempenhar a sua responsabilidade humana e apresentar sugestões que poderiam ajudar no enfrentamento dos problemas mencionados acima. Para ele, estes problemas que constituem-se a crise do mundo contemporâneo precisam ser combatidos utilizando novas perspectivas e práticas que se retro-alimentam a fim de prevenir a destruição do mundo que conhecemos. De modo mais direto, o autor está avisando que sem uma mudança radical no modo de pensar das relações Homem-Mundos (social e natural)-Homens, a vida e o mundo existentes teriam os dias contados. Isto é, a necessidade de uma verdadeira revolução paradigmática relacionada aos nossos afazeres sociais, políticos, econômicos e culturais, não é mais uma opção, mas uma exigência cujo adiamento está custando cada vez mais. As condições perturbadoras do mundo, não mais silenciosas mas gritantes, se tornaram altamente complicadas porque os elementos dos desafios são difíceis de mensurar. Em muitos casos, fica evidente a impossibilidade de uma avaliação consistente ou empírica uma vez que os fenômenos são dinâmicos, em fluxo permanente. Entretanto, as consequências, especialmente as mais negativas, deixam seus rastros de sofrimento humano e destruição ambiental durante muito tempo.

A realidade deste mundo nosso é considerada avançada apesar de exigir “a apartação” na distribuição cada vez mais desigual dos bens materiais, sócio culturais e naturais. É um modo de distribuição da riqueza social que leva às destruições do meio ambiente e das relações sociais. Isto porque, neste modo de distribuição, a ética como fundamento da dignidade humana, cede lugar às ideologias da moderna tecnologia sustentada pelo uso desenfreado dos recursos naturais e da desorganização das comunidades humanas. Para muitas pessoas, o mundo contemporâneo é visto como moderno (racional e democrático, em que se encontra respeito pelas individualidades nas diversidades). Neste mesmo mundo, “o objetivo central do desenvolvimento é o uso de técnicas e produtos novos... Mesmo quando a sociedade caminha para a deseducação, ... tudo continua dando a impressão de ... avanço” (Buarque, 1993, p. 86). Sem dúvida, mudanças radicais são necessárias, argumentou nosso autor já na década passada. “E, entre os objetivos definidos eticamente, um deles deve ser o de que os homens (todas as pessoas, digo eu) são semelhantes”. Sim, poderia ser impossível de prevenir que as pessoas tenham níveis diferentes de acesso “aos produtos supérfluos”; entretanto, “devem participar igualmente dos bens e serviços essenciais” (Buarque, *Ibid.*, p. 87). E para viabilizar este mundo onde “a desigualdade se manifeste como diversidade, mas jamais como exclusão da diferença” (Buarque, *Ibid.*, p. 87), existe uma estratégia, tanto particular quanto universal. Tanto os meios sociais como caminhos individuais, também existem. Para garantir esta estratégia, existe uma ideologia, uma lógica que justifica a utilização da mesma.

Cristovam Buarque nos oferece “**O que é educacionismo?**” com este pano de fundo desenhado no conjunto das obras dele já mencionadas. É um pequeno livro de uma coleção básica, mas é uma obra grandiosa pelo conteúdo da sua apresentação e problematização. A obra é marcante, também, pelas explicações, discussões e sugestões oferecidas pelo autor. Todos estes elementos revolvem em torno da ideologia do educacionismo. A mensagem central da obra poderia ser captada pelo seguinte cabeçalho que serve de título desta resenha - Educação: Processo, guia e agente renovador como salvadora de um mundo à beira da auto-destruição. Como se pode perceber, Buarque combina o estilo de um profeta bíblico anunciando uma calamidade por vir, mas ainda evitável, com a sabedoria de um guru oriental cuja mensagem consiste de informações, dados históricos e conselhos. Através desta combinação visionária, integrando os tempos passado-presente-futuro de maneira judiciosa, o autor educacionista consegue imbuir numa única mensagem (mudar radicalmente é preciso, com urgência) as seguintes informações:

- Lições de vida observando que “a civilização industrial caminha para uma catástrofe, pois desigualta seus indivíduos e degrada o meio ambiente” (p. 13). Precisa haver “combinação dos objetivos de igualdade, liberdade, justiça e democracia com a conquista da eficiência técnica” (p. 68);
- Estratégias para melhorias no modo de viver onde “o centro é toda a população” que se desenvolve através de “um processo de formação permanente”, ajudando a construir “as bases materiais e intelectuais do processo educativo” (p. 126);
- Incentivos baseados no fato de que “a única forma de construir o progresso com respeito aos direitos de cada minoria é uma revolução ... respeitando e promovendo a diversidade como indicador de riqueza civilizatória” (p. 121); e
- Convites para refletir individualmente são abundantes na obra. Palavras e/ou conceitos novos e não facilmente encontrados na língua como “dessemelhança” (p. 143), “econologia” (p. 145), “escola privada federal” (p. 145), “pós-universidade” (p. 152), “supermodernidade” (p. 154) e muitos outros provocam o(a) leitor(a) a pensar nas idéias novas apresentadas. Para ajudar nesta tarefa, há o capítulo, “Pequeno

dicionário do educacionismo” (p.139-155).

Seguindo esta linha de pensamento renovador, há também, sugestões para:

- Discutir em grupo porque “o educacionismo é mais que um programa educacional, é uma ideologia que centra o progresso e a utopia em uma revolução pela educação” (p. 19); e,

- Assumir uma posição ética fazendo a coisa certa, onde “a combinação de liberdade, igualdade e justiça só pode ser conseguida pela revolução que assegure igual acesso à educação, dentro da democracia” (p. 68). E, para viabilizar isto, o indivíduo precisa se engajar em lutas para o benefício da humanidade porque “defendem programas emergenciais capazes de enfrentar, de imediato, três graves problemas da sociedade: pobreza e desemprego; corrupção e impunidade; violência e insegurança” (p.136-7). A sociedade em questão aqui é a global. Com as tendências globalizantes, a universalização de quaisquer fenômenos é quase sempre certa. Nesta ótica, o educacionismo é um movimento complexo. É esta complexidade que melhor instrumentaliza o mesmo para apoiar no desencadeamento das transformações profundas que a sociedade, em suas dimensões globais, precisa para se salvar de si própria.

Esta obra serve de continuação das discussões desenvolvidas nos livros anteriores sobre os caminhos errados do economicismo e desenvolvimentismo como ideologias que sustentam que a materialidade é superior ao humano em tudo. As experiências humanas em tempos recentes, tanto nos âmbitos social quanto ambiental, têm deixado claro que a situação está chegando à um estágio onde um retorno ao passado mais tranquilo não será mais possibilidade alcançável. O mundo atual está num caminho perigoso. Continuando desta maneira, o fim estaria mais perto e mais desumanizador que se poderia imaginar. O autor então apresenta o educacionismo como a saída da “deseducação” que tem contribuído para a crise em que vivemos agora. O autor parece dizer que apesar da situação precária, tudo não está perdido. Ainda há saídas possíveis se as pessoas tomarem as medidas básicas, mas necessárias, para substituir a produtividade e o consumo de bens materiais e simbólicos pela distribuição menos desigual de serviços e bens sociais básicos. Uma medida assim iria garantir mais similitude entre as pessoas a fim de reduzir ou acabar com as dessemelhanças que justificam as exclusões.

Deste caso, o que deve-se entender por educacionismo? De acordo com Buarque, este neologismo que ainda não encontrou lugar no dicionário da língua portuguesa poderia ser entendido como “a doutrina que põe a educação de qualidade para todos como o vetor da construção da utopia civilizatória, o indicador da riqueza de um povo e o caminho para construir a igualdade de oportunidades” (Buarque, 2008, p. 123). Esta educação nova servirá de impulsionadora, método e objetivo contra aquela utilizada como instrumento de reprodução das desigualdades, as mais resistentes mantenedoras das realidades catastróficas existentes. As ideologias dominantes das práticas educativas da atualidade continuam justificando um modelo de educação que não é mais sustentável nem para e nem pela vida humana em sociedade. Enquanto o educacionismo enfatiza a produtividade ética, a educação atual incentiva a produção industrial desumanizadora porque é sustentada por um consumo desenfreado de produtos criados. Em vez de produzir para suprir necessidades evidentes, as práticas tecnológicas enfatizam a criação e manutenção de um tripé, desejos-produtos-serviços. Por causa desta estrutura, muitos dos produzidos terminam sendo supérfluos, descartáveis e não renováveis. Estas características destroem o equilíbrio da relação Homem-Natureza, e descaracterizam a solidariedade que deveria prover a razão de ser das pessoas.

Nos últimos 50 anos, este desequilíbrio tem assumido proporções astronômicas com repercussões sem limites sociais, espaciais e temporais. Com argumentos consistentes, o autor afirma que as transformações profundas que se precisa somente serão viáveis quando as filhas e os filhos dos pobres e das elites frequentem as mesmas escolas. Com a implantação do educacionismo, as futuras gerações serão expostas às mesmas experiências para o desenvolvimento intelectual e formação das personalidades. Estas medidas possibilitariam oportunidades relativamente mais equilibradas nas competições para desempenhar papéis diferentes na construção permanente dos mundos sociais, ambientais, culturais, políticos e econômicos como um conjunto para a comunidade humana. Será mister escolher como lema desta transformação necessária, 'o educacionismo: tudo pela humanidade e natureza através de uma educação holisticamente humanizadora'.

Considerando que o educacionismo é um movimento social que busca incentivar a construção duma utopia, como sonho atingível através de esforços conscientes, coletivos e universais, precisa mobilizar instituições internacionais e nacionais, envolvendo "escola, família e mídia" em seus diversos níveis. Nesta tarefa construtiva que envolverá todas as pessoas, o(a) professor(a) continuará sendo muito importante. Entretanto, não seria suficiente para este profissional somente ensinar baseando-se nos seus conhecimentos, perspectivas metodológicas e escolhas de conteúdo. "No educacionismo, o conhecimento ... será todo o conhecimento disponível mundialmente nas redes e ... alunos serão todos aqueles com acesso a essas redes, e a sala de aula será todo o país e mesmo todo o globo" (p. 133). Os temas e tópicos discutidos no texto comprovam isto. O autor termina falando de tudo para todos de uma maneira ou outra.

Depois de uma "Introdução" sucinta, o autor discute "As bases do educacionismo", "Educacionismo, história e evolução", e "Educacionismo e luta de classes" que ele amplia em tópicos que seguem o estilo marxista, mas não a lógica economicista do Marx. Em conjunto com o capítulo "Educacionismo, trabalho, emprego e salário", Cristovam Buarque deixa bem claro que a utopia em que pensa não é do outro mundo, um mundo de fantasia. É uma realidade onde as pessoas precisam estudar, trabalhar e saudavelmente competir, vivendo em comunidade sob o égide da ética sem justificativas porque os critérios são claros e de compreensão fácil. Respeito pelas pessoas e natureza serviria de alicerce da sociedade a ser desenvolvida com a colaboração de todos. Cada indivíduo assumiria as suas responsabilidades (particular e interdependente) como parte de uma missão universal.

Outros capítulos da obra que mais chamam atenção incluem, "Educacionismo, utopia e riqueza", "Educacionismo e meio ambiente", "Educacionismo e apartação", "Educacionismo e minorias", "Educacionismo e educação", "A base material e o pacto do educacionismo". Nas explicações e discussões desenvolvidas nestes capítulos, o autor faz questão de mostrar que o livro "é produto da prática política, muito mais do que reflexão teórica. Surge da necessidade da ação: para onde ir e como aglutinar (itálicos no original) (p.9). Nestes capítulos estão explicadas e justificadas as exigências, perspectivas, expectativas e esperanças no tocante ao educacionismo como processo, mas também, como instrumento crucial no combate aos descaminhos históricos da humanidade. O educacionismo será imprescindível para o resgate da vocação humana de enriquecer a vida em comunidade, estabelecendo relações racionais (de respeito e com ética) no tocante ao resto da natureza.

Para quem o livro é direcionado? O autor, como cientista, político e cidadão global, assume a missão de falar com todos, especialmente as pessoas que ainda alimentam dúvidas sobre o caminho errado do mundo contemporâneo. As informações, conselhos e orientações são constantemente dirigidos aos profissionais liberais (responsáveis para dimensionar as bases materiais do mundo), políticos-administradores-gestores (definidores de prioridades, planejadores dos

meios e das metas pertencentes aos elementos a serem transformados). As colocações claras, são também, endereçadas aos professores de todos os níveis de ensino como formadores das gerações atuais e do futuro. O autor faz questão de direcionar as suas palavras crítico-construtivas às elites e aos pobres, dominantes e dominados, explorados e exploradores. Com esta capacidade de se comunicar com todos os segmentos da sociedade, Cristovam Buarque mostra de uma outra maneira, que a transformação de que se refere é universal. Paulo Freire (1983) tinha nos ensinado no livro **“Pedagogia do oprimido”** que tanto oprimido quanto opressor precisam se libertar da sua condição desumanizada. Ser explorador ou explorado não é da vocação ontológica do Homem. Assim, cada vez que isto acontece, existe uma desumanização que precisa ser combatida com todas as armas eticamente disponíveis.

Há, ao mesmo tempo, uma relação simbiótica entre explorado e explorador. Sem um, não haverá o outro. Na ausência das pessoas diretamente (agentes ativos) e indiretamente (agentes passivos) responsáveis pela atual catástrofe global, não existiriam as condições que causam as pessoas tanto sofrimento. Existe uma complementariedade, geralmente implícita mas real, entre as elites que se beneficiam dos estragos ambientais e das desumanizações dos pobres-excluídos num mundo globalizado. Considerando que todos são responsáveis, só faria sentido a adoção de uma pedagogia social que é universal e específica. As práticas educacionistas são permanentes, mas sempre contextualizadas a fim de fortalecer os seus efeitos.

Pereira (2008) nos lembra que de acordo com a doutrina do educacionismo, a “nossa tarefa imediata é convencer os omissos e acomodados, os descontentes, apáticos, mas ainda não corrompidos pelo conservadorismo ou pelos cargos, de que vale a pena lutar por uma causa e essa causa existe”. Tem que haver um pacto nacional; de fato, uma consciência internacional da exigência desta transformação a fim de salvar a humanidade e o planeta. Para viabilização deste processo, a informação crítica será preciso. É este elemento vital que o autor consegue apresentar para avaliação e tomada de posicionamento por parte dos leitores como agentes sociais, possíveis educacionistas.

Utilizando as táticas de mobilização dos abolicionistas e autores do “Manifesto do Partido Comunista”, o proponente do educacionismo parece dizer o seguinte: Povos do mundo contemporâneo, acordem, se conscientizem, se organizem e se engajem nesta missão ontológica, reunindo todos sob a bandeira da transformação necessária para construir um mundo que mais beneficia a todos, enriquecendo as vidas humana e ambiental. Há muito a ser ganho, e pouco a perder se o mundo responder de maneira positiva a este chamamento urgente.

Para entender melhor este convite, equivalente a uma intimação fundada nos princípios da ética e consciência ecológica, é preciso ler “O que é educacionismo?” Esta leitura precisa ser agora – a cada dia que passa, as consequências do economicismo cego que temos deixado orientar as nossas prioridades, fincam suas garras mais fundas no coração deste mundo, deste planeta.

## Referências

BUARQUE, Cristovam. **O que é apartação?: o apartheid social no Brasil**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1983.

MORIN, E.; CIURANA, E.R.; MOTTA, R.D. **Educar na era planetária**. São Paulo, SP: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.



PEREIRA, Maria Rachel Coelho. **Uma revolução na educação**. Webartigos, p. 1-4, 2008. Disponível em <http://www.webartigos.com/articles/5237/1/o-que-e-educacionismo/pagina1.html>. Acesso em: 16 abril 2009.

YUS, Rafael. **Educação integral**: uma educação holística para o século XXI. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

Francis Musa BOAKARI

É docente da Universidade Federal do Piauí (UFPI), do Departamento de Fundamentos da Educação (DEFE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação.